

TÂNIA FÁTIMA AQUINO



**MITÃ KUNHÃ IKOTY NHÊMONDY`A:
PLANTAS E CUIDADOS NO RITUAL DA MENARCA ENTRE OS KAIOWÁ
DA TERRA INDÍGENA PANAMBIZINHO/DOURADOS-MS**

TÂNIA FÁTIMA AQUINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
– mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências
Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados
como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Juliana Grasiéli Bueno Mota

Coorientadora: Prof. Dra. Larissa Araújo Coutinho de
Paula

Dourados-MS
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A657m Aquino, Tania Fátima
MITÃ KUNHÃ IKOTY NHÊMONDY'A: PLANTAS E CUIDADOS NO RITUAL DA
MENARCA ENTRE OS KAIOWÁ DA TERRA INDÍGENA
PANAMBIZINHO/DOURADOS-MS [recurso eletrônico] / Tania Fátima Aquino. -- 2025.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Juliana Grasiéli Bueno Mota.

Coorientadora: Larissa Araújo Coutinho de Paula.

Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Mitã kunhã ikoty nhêmomdy. 2. ritual de menarca. 3. Kaiowá. 4. Panambizinho. 5. plantas
medicinais. I. Mota, Juliana Grasiéli Bueno. II. Paula, Larissa Araújo Coutinho De. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



Imagem 1. Nhandesy Kaiowá da terra indígena Panambizinho.



Imagem 2. Terra Indígena Panambizinho. Mapa mental da terra indígena Panambizinho. Elaborado pela autora, 2024.

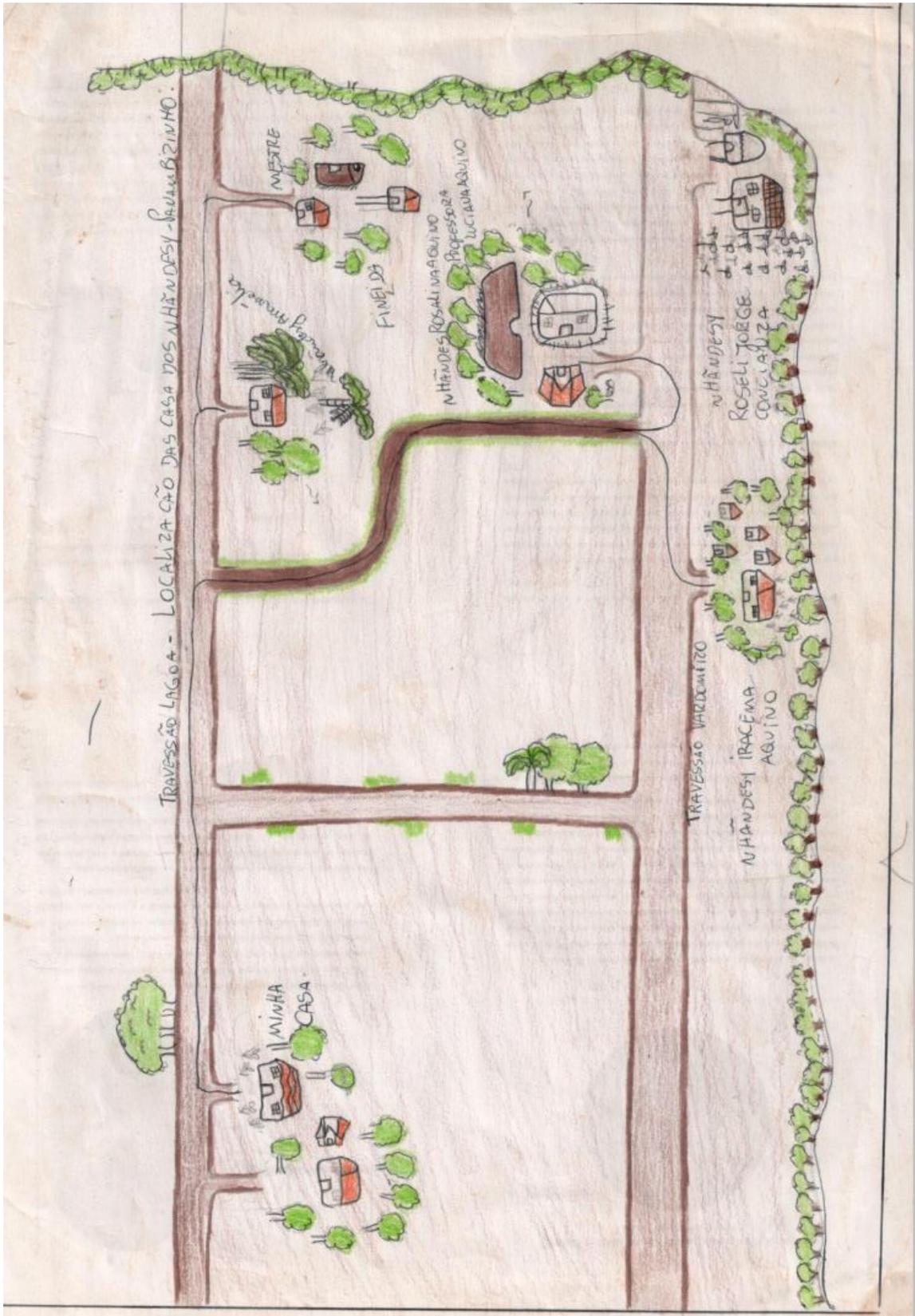


Imagem 3. Terra Indígena Panambizinho com destaque as áreas verdes.
Elaborada pela autora, 2024.

Nhê'ê mbyky 'i

Koa tembiapo kuatia jehaí oguereko mbarete ore kaiowá, ore rekoete ore tekohapy. Mbaeiko há e ko quatia rehe ojehaíva omombe'ú peteí tekoha Panambizinhopy oiko mitã kunhã ikoty nhêmomdy 'a rehegua. Ko há 'e peteí ore rekoete voí, oroipuru ore tekohapy, Estado Mato Grosso do sulpe, Há e peteí mitã kunhã ikoty jave há e ndouí arã opaichagua tembiu ohovasa arã chupe nhänderu nhãmoí ho' u haguã só'ó ndaikatui hourei , opama ikunhãtãi pama jave ,oipichy hese há hetere rehe, Ysy. Há isy voí kuéry onhãgareko omemby rehe, há rete rehe ani haguã oypyhy mba'asy vaí hete rehe. Há upeagui onhãgareko isy ,omemby rehe . ko ore rekoete rehe Voí oroguereko ore tekohapy. Ko quatia jehaí che ajapo ko mitã kunhã ikoty va e rehegua aheja haguã ko quatia rehe opyta porã haguã. Há mitã kunhã isy kuéry onhãgareko omemby re rehe, ndouí haguã ichupe mba'asy vaí ãkã rasy, há teõ õã, upeagui isy ojapo ichupe pohã nhãnã ho' u haguã ikotypama jave.

Nhê'ê apytere: Mitã kunhã ikoty nhêmomdy, ritual de menarca, Kaiowá, Panambizinho, plantas medicinais.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo valorizar os saberes culturais e os rituais praticados pelos Kaiowá na terra indígena Panambizinho relacionados aos cuidados corporais no *mitã kunhã ikoty nhêmondy*, os saberes sobre plantas e os cuidados com o corpo. O estudo sobre o ritual de menarca das meninas, *mitã kunhã*, destaca a cultura Kaiowá, especialmente por praticar aspectos socioespaciais do processo de transformação de menina em moça. A motivação desta pesquisa é mostrar a realidade das práticas que as mães e mulheres indígenas utilizam para cuidar das meninas e seus corpos. Destaca-se que a mestrandia é indígena Kaiowá e vive em Panampizinho, esta é uma pesquisa nativa. A cultura, incluindo os rituais, é de grande importância para nós, mulheres e meninas indígenas Kaiowá. Este trabalho reflete minhas experiências com uma metodologia baseada no diálogo com os mestres *nhãndesy* e os anciãos, buscando mais conhecimento sobre a menarca entre as meninas Kaiowá. Esses costumes são seguidos pelos pais, mães e avós, tanto paternos, quanto maternos. As regras do resguardo são rigorosamente obedecidas, especialmente quando a menina entra no processo da menarca, assumindo responsabilidades específicas em relação à saúde e a alegria do corpo. Durante o resguardo da menina indígena, todos os cuidados com a alimentação são reforçados pelas mães, tias ou avós. Caso essas regras não sejam respeitadas, a menina pode sofrer com *filipsias* (tonturas), *teõã* (desmaios), também fortes dores de cabeça e tremores. Essas práticas são de grande importância para as mulheres e, sobretudo, para as meninas, valorizando os saberes e costumes da cultura kaiowá.

Palavras-chave: Mitã kunhã ikoty nhêmomdy, ritual de menarca, Kaiowá, Panambizinho, plantas medicinais.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo valorar los conocimientos culturales y los rituales practicados por los Kaiowá en el territorio indígena Panambizinho relacionados con el cuidado del cuerpo em mitã kunhã ikoty nhêmondy, conocimiento sobre plantas y cuidado del cuerpo. el estudio sobre el ritual de la menarquia de las niñas, mitã kunhã, destaca la cultura Kaiowá, especialmente para practicar los aspectos socioespaciales del proceso de transformación de chica a chica. La motivación de esta investigación es mostrar la realidad de las prácticas que las madres y mujeres indígenas lo utilizan para cuidar a las niñas y sus cuerpos. Destaca que el estudiante de maestría es indígena Kaiowá y vive en Panampizinho, se trata de una investigación nativa. La cultura, incluidos los rituales, es de gran importancia para nosotras, las mujeres y las niñas. Pueblo indígena Kaiowá. Este trabajo refleja mis experiencias con una metodología basado en el diálogo con maestros y ancianos nhândesy, buscando más conocimiento sobre la menarquia entre las niñas Kaiowá. Estas costumbres son seguidas por padres, madres. y abuelos, tanto paternos como maternos. Las reglas de protección son estrictamente obedecido, especialmente cuando la niña entra en el proceso de menarquia, asumiendo responsabilidades específicas respecto de la salud y el gozo del cuerpo. durante el protección de la niña indígena, todos los cuidados en materia de nutrición se ven reforzados madres, tías o abuelas. Si no se respetan estas reglas, la niña puede sufrir filipsias (mareos), teõã (desmayos), también fuertes dolores de cabeza y temblores. Estos prácticas son de gran importancia para las mujeres y, sobre todo, para las niñas, valorando los conocimientos y costumbres de la cultura Kaiowá.

Keywords: Mitã kunhã ikoty nhêmomdy, ritual de menarquia, Kaiowá, Panambizinho, plantas medicinales

Abstract

This research aims to value the cultural knowledge and rituals practiced by the Kaiowá in the Panambizinho indigenous land related to body care in the mitã kunhã ikoty nhêmondy, knowledge about plants and body care. The study on the girls' menarche ritual, mitã kunhã, highlights the Kaiowá culture, especially for practicing socio-spatial aspects of the process of transformation from girl to young woman. The motivation for this research is to show the reality of the practices that indigenous mothers and women use to care for girls and their bodies. It is worth noting that the master's student is an indigenous Kaiowá and lives in Panampizinho; this is a native research. Culture, including rituals, is of great importance to us, indigenous Kaiowá women and girls. This work reflects my experiences with a methodology based on dialogue with Nhãndesy masters and elders, seeking more knowledge about menarche among Kaiowá girls. These customs are followed by parents, mothers and grandparents, both paternal and maternal. The rules of confinement are strictly followed, especially when the girl enters the menarche process, assuming specific responsibilities regarding the health and happiness of the body. During the confinement of the indigenous girl, all care with nutrition is reinforced by the mothers, aunts or grandmothers. If these rules are not respected, the girl may suffer from philipsias (dizziness), teõ'ã (fainting), also severe headaches and tremors. These practices are of great importance for women and, above all, for girls, valuing the knowledge and customs of the Kaiowá culture.

Keywords: Mitã kunhã ikoty nhêmondy, menarche ritual, Kaiowá, Panambizinho, medicinal plants

Glossário

Jajakarasy pohã- remédios de rins
Ãnhãy -diabo demônio
Ãnhãy ka´á – diabo da erva
Avatí morotí- milho branco
Chicha- feito de milho
Chipá- pamonha
ehova- Benzimento
Guápo- esperto
Guavira´ay- guavirá
Imba´asy- menstruação
Jari- vovó
Jasy- lua
Jeguá- pintura do rosto
Jepotá – gostar e namorar
Jy´y- arco íris
Ka´á – erva
Ka´aguyrusu- mata floresta
Ka´ay – chimarrão
Kaguíl- suco de milho
Kaiowá – etnia
Kará- inhame
karaguatá-planta medicinais
Karái – brancos
Kunhã- Mulher
Kunhãntái -meninas
Ky yí – pimenta
Maêtîrô -espírito do diabo demônio
Mbaegua- remédios de pó de planta medicinais
Mbajé pohã- Diabo do remédios
Menby pohã- remédios para mulher
Memby rey mija- orquídeas
Mitã- Criança
Mitã kunhã ikoty nhêmomdy´a – menina menarca
Nhãndereko- nosso costume
Nhãrãkâtíguy- cedro
Nhãndesy- Mestre tradicionais anciãs
Narãka hãí- rio laranja doce
Nhãnderu -Deus
Ohovasa- benzer
Ojevyma- voltar
Õngusu- casa de reza
Paí Chiquito- fundador Panambizinho
Parapara´y- plantas medicinais
Pohã- remédios
Pohã nhãná- remédios caseiros de planta medicinais

Pikytî- peixe vermelhinho
Pynó- dorflex
Taníbu- cinza
Teju- lagarto
Tekoha- Território
Tekoarandu-
Teõ õã- filipsias
tyrey jari- gangorosa
Urudey- cedro
Xiru karaí- espaço sagrado
Ysy- Amescla
Yruku- urucum
Ytu- cachoeira
Yvyxim- remédios de plantas medicinais
Yvyja- cobra cega

Imagens

| | |
|--|----|
| Imagem 1. Nhãndesy Kaiowá da terra indígena Panambizinho. | 4 |
| Imagem 2. Terra Indígena Panambizinho. Mapa mental da terra indígena Panambizinho. | 5 |
| Imagem 3. Terra Indígena Panambizinho com destaque as áreas verdes. | 6 |
| Imagem 4. Áreas preservada da Nhãndesy Roseli com plantas medicinais. | 24 |
| Imagem 5. TI Terra indígena Panambizinho. | 26 |
| Imagem 6. Fineida Aquino na coleta de remédio medicinais. | 30 |
| Imagem 7. Nhãndesy Roseli Jorge mbaegua mostrando remédios medicinais. | 31 |
| Imagem 8. Ysy e seu líquido. | 32 |
| Imagem 9. Yruku-Urucun. | 33 |
| Imagem 10. Callisia Repens | 34 |
| Imagem 11. Rosângela Aquino mostrando as orquídeas do brejo secas - Memby pohã. | 35 |
| Imagem 12. Planta medicinal. | 36 |
| Imagem 13. Boldo. | 36 |
| Imagem 14. Nhãndesy Iracema e sua floresta de plantas medicinais. | 37 |
| Imagem 15. Mbajé pohã. | 38 |
| Imagem 16. Anamelia mostrando as plantas medicinais. | 39 |
| Imagem 17. Nhãndesy Roseli Jorge Concianza. | 40 |
| Imagem 18. Pariparoba branca. | 41 |
| Imagem 19. Nhãndesy Roseli Jorge Concianza. | 42 |
| Imagem 20. Planta que parece amendoim. | 43 |
| Imagem 21. Pikatí. | 44 |
| Imagem 22. Pimenta vermelha Ky'yî. | 45 |
| Imagem 23. Planta medicinal encontrada na casa da Anamélia. | 46 |
| Imagem 24. Ysy. | 47 |
| Imagem 25. Orquídeas.Fonte: Arquivo pessoal da autora. | 47 |
| Imagem 26. Orquídeas na árvore. | 48 |
| Imagem 27. Yvyxim. | 49 |
| Imagem 28. Plantas. | 49 |
| Imagem 29. Inhãme e cará | 50 |
| Imagem 30. pó verde medicinal. | 51 |
| Imagem 31. Karaguatá. | 52 |
| Imagem 32. Gangorosa.Fonte: Arquivo pessoal da autora. | 53 |
| Imagem 33. Pynó. | 54 |
| Imagem 34. Cedro. | 55 |
| Imagem 35. Casa de reza õngusu. | 56 |
| Imagem 36. Bambu. | 57 |
| Imagem 37. Aluna da Paí Chiquito Pedro. | 58 |
| Imagem 38. Casca de remédios medicinais. | 60 |
| Imagem 39. Escola Paí Chiquito Pedro. | 61 |
| Imagem 40. Alimento da menina da aluna. | 61 |
| Imagem 41. As merendeiras. | 62 |
| Imagem 42. Talheres e pratos | 63 |

Sumário

| | |
|---|----|
| A autora entre a experiência e a pesquisa | 17 |
| Uma nativa pesquisadora | 21 |
| Seção 1 | 22 |
| Meu lugar, a Panambizinho | 22 |
| Seção II | 27 |
| Resistência, cuidados com as meninas-mulheres kaiowá: fotografias que ensinam | 27 |
| Sem reza não tem mitã kunhã ikoty nhêmondy ´a | 55 |
| Escola e casamento da moça kaiowá | 58 |
| Considerações finais | 64 |
| Bibliografia | 66 |

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus pelas pessoas que colaboraram comigo na pesquisa, àquelas que se colocaram à disposição quando eu precisei, que deixaram os seus afazeres para me ajudar na dificuldade da escrita.

Com imensidão de alegrias, que me ajudaram superar as adversidades na minha pesquisa, agradeço a minha comunidade *tekoha* Panambizinho, em que vivo e atuo hoje, onde sempre a resistência do nosso povo Kaiowá persiste. A minha família por todo apoio, aos mestres, rezadores, *nhãndesy*, principalmente minhas primas e mestres tradicionais; a comunidade escolar, principalmente as merendeiras, pois foram elas que me ajudaram a desenvolver a pesquisa sobre remédios e plantas medicinais. Um agradecimento especial as mulheres *nhãndesy* Rosalina Aquino, Fineida Aquino, Roseli Jorge, Anamélia Concianza, e Iracema Aquino; às merendeiras Cleide da Silva Pedro e Regiane borges; à professora Luciana Aquino. Também a Regina Aquino.

Sou grata pela minha orientadora Juliana Grasiéli Bueno Mota e coorientadora Larissa Araújo Coutinho de Paula.

Agradeço a CAPES do programa de bolsa de mestrado, imprescindível para que eu concluísse a dissertação.

Agradeço aos meus filhos Leoclides, Elson e a minha filha Crislaine pela compreensão, por terem me ajudado nas tecnologias de digitalização, a minha famílias por acreditar em mim, com esta pesquisa sobre o meu povo Kaiowá ,todas as energias positivas que levei com a minha comunidade, com as meninas que entra nessa fase de sua fase adolescentes , para que eu realizasse essa vitória em minha vida.

Agradeço ao Geopovos-Ñandereko pelo trabalho coletivo e trocas de experiências. Muito obrigado a todos que me apoiaram e me incentivaram. Especialmente a querida Gislaine Monfort que me ajudou e teve paciência de me orientar na regularização dos documentos de matrículas, durante a época da pandemia Covid -19 online. A Letícia Espadim Martins, agradeço e fico muito honrada pelos momentos de ajuda. A Paula, que desde o estado de Manaus, sempre me ajudou e colaborou com a minha caminhada no mestrado.

Agradeço a colega Beatriz Vera, uma grande guerreira indígena, foi colega no *Teko Arandu*, e no momento que eu estava com muita dificuldade, sua ajuda foi

imprescindível. E claro, que também não posso deixar agradecer a secretária Erica, ela me ajudou muito para a renovação das minhas matrículas que tenho dificuldade de errar de envio no programa de pós-geografia, e coordenadora Claudia também me orientou como enviar as atividades para ela sobre o cronograma de pesquisa.

Para finalizar agradeço por tudo que aprendi no mestrado. Por isso também não posso deixar de agradecer às professoras que fizeram parte da banca de exame de qualificação e defesa: Lauriene, Verônica e Laura.

Por fim, reforço o meu agradecimento a toda minha família, acreditando no meu esforço, nas ideias e respeito aos espaços em que ocupamos.

A autora entre a experiência e a pesquisa

Quero aproveitar este momento para dizer quem sou e de onde venho. Contar um pouco da minha história e a história do meu lugar. Sou da etnia Kaiowá e moradora da terra indígena Panambizinho. Desde que nasci moro nessa aldeia. Sou mãe de filhos, e neta do cacique Paulito Aquino, e Dona Balbina Francisco Aquino, já falecidos.

Sou professora do ensino fundamental, nas séries finais, porque me formei na área de Ciências Humanas do Teko Arandu na Licenciatura intercultural da Faculdade Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados. Atualmente atuo na escola Municipal indígenas Paí Chiquito Pedro, que reside na terra indígena Panambizinho.

Desde que nasci vivo na minha aldeia. Hoje tenho 40 anos. Cresci tomando banhos nos rios da aldeia - chama córrego *hu – yhû*. Quando criança bebi água da mina da nascente, lembro que na época não tinha encanamentos da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI). Também era comum escutar as histórias dos meus avôs que carrego na minha memória até hoje.

Meus avôs eram rezadores de *kunumipepy*, o batismo de meninos, e fazia *ohovasa* para as meninas Kaiowá. Eles contavam como foi o trabalho da erva mate laranjeira com os paraguaios; e foi lá que eu aprendi que a erva foi trazida pelos paraguaios, por isso os kaiowá aprenderam a tomar *tereré*. Essa era a palavra do meu avô. Parte do que escrevo aqui fui vendo e aprendendo, a nossa cultura kaiowá fica na memória. Nunca deixei de praticar o ritual da iniciação das meninas kaiowá.

Quero compartilhar quando comecei a minha iniciação da menarca pra ser moça, é uma memória boa que gosto de lembrar e contar. Então irei fazer isso agora.

Primeira regra da iniciação foi orientada pela minha mãe que explicou que não poderia comer carne bovina e suínos, e nem mesmo óleos vegetais. Eu comia somente frutas e arroz sem sal numa panelinha com alguns peixes de lambari. Foi assim até eu chegar na minha primeira menstruação. Quando menstruei pela primeira vez fiquei cinco dias dentro da casa. Cortaram meu cabelo, ficou curto. Quando sai fui na casa de reza do meu avô Paulito Aquino para me benzer e passar *yrukun* no rosto, tomar banho nas folhas de cedro e esperar a segunda descida da menstruação para que eu voltar a ficar só três dias, até crescer os cabelos, para que eu pudesse voltar a comer carne bovina, aves e suínos. Tive que me benzer e voltar a comer tudo novamente, os alimentos tradicionais.

Durante a minha juventude, fui tendo meus filhos: o primeiro, um menino; a segunda, minha filha; e o terceiro, outro menino. Tudo o que vivi durante minha iniciação como moça indígena kaiowá, transmiti para minha filha, para que ela seguisse as tradições que eu mesma pratiquei. Quando ela chegou à menarca, o período de transição para a fase de jovem mulher, acompanhou corretamente minhas orientações e interrompeu o consumo de alimentos indígenas, como por exemplo, arroz branco, batata-doce, mandioca, milho assado. Inclusive, comunicado à escola – direção, coordenadores e professores – que ela estava passando

Nós, indígenas kaiowá, sempre realizamos esses rituais em nossos territórios, e assim o fizemos com minha filha. Ela passou cinco dias dentro de casa, e, na escola, comia apenas frutas, conforme já havia sido orientado por mim. Cortei o cabelo dela bem curto, e, após o período de reclusão, ela foi benzida por outros caciques. Depois de permanecer mais três dias, saiu novamente e voltou a comer normalmente, além de retomar os cuidados com o corpo, como tomar banho nos rios de correnteza. Levei o cabelo cortado para o *xiru-karai*, um lugar sagrado para nós. Hoje minha filha é uma moça saudável, porque fez corretamente a iniciação de mocidade kaiowá no nosso espaço da aldeia Panambizinho.

Aqui compartilho a minha experiência de iniciação no ciclo da menarca, conforme a tradição da cultura kaiowá. Esse processo, que vivenciei durante a transição para a fase jovem, continua sendo praticado em nosso território. Nós, kaiowá, preservamos com cuidado o corpo de nossas meninas e mulheres, garantindo, por meio desses rituais, que nossa saúde se fortaleça a cada dia, dentro do espaço sagrado de nossa aldeia.

Iniciei minha fase de transição aos meus 11 anos de idade, sob a orientação da minha mãe, Maria Aquino. Ela conversou comigo, explicando detalhadamente como eu deveria seguir o processo de menarca até completar 12 anos e ter o primeiro ciclo menstrual, marcando minha passagem para a vida de jovem. Aos 11 anos, minha mãe já me pediu para parar de comer carnes bovina, de frango e de porco, permitindo apenas o consumo de peixes, como o lambarizinho de rabo vermelho, chamado *pikyên* na língua kaiowá.

Durante esse período, minha alimentação era composta por mandioca e arroz sem óleo e sem sal, sempre servidos em vasilhas separadas. Esse regime durou mais de um ano, até que, ao completar 12 anos e ter minha menstruação, fui colocado em

resguardo por cinco dias, como manda a nossa tradição ancestral. Esse resguardo, transmitido pelos nossos antepassados, tem como objetivo me proteger de doenças ou doenças que podem surgir ao longo da vida, como dores de cabeça, tonturas e desmaios, além de evitar qualquer mal-estar no corpo. Minha mãe sempre me orientou sobre isso, explicando que eu deveria ter cuidado, pois temos medo da doença que pode ser causada pelo *ky'y jepota* que é um espírito que pode afetar a menina durante o período de resguardo. *Jy'y* é para o povo kaiowá um espírito mau que é gente. Quando a menina está de resguardo e sai dele antes do tempo, esse espírito pode atingir a pessoa e causar tremedeira e desmaio.

Dentro da minha casa, minha mãe trazia água fervida com folhas de cedro para o meu banho. Nesse espaço, eu preparava a comida e acendia o fogo para cozinhar. Para nós, meninas, é importante praticar essas atividades, pois elas nos ajudam a evitar a preguiça e a nos manter saudáveis, felizes e animadas. Assim, estamos sempre prontas para a vida e para seguir o caminho da moça adulta, tornando-se mulher.

Após cinco dias de resguardo, minha mãe cortou meu cabelo, deixando-o curto, e me levou à casa do meu avô para me benzer de madrugada, com o corpo coberto. Meu avô fez a benção e preparou a *hovasa*. Ele também pediu que eu pintasse o rosto com *yrukun* (urucum). Quando amanheceu, eu já estava realizando tarefas domésticas em casa, como lavar roupas.

Eu já me senti uma moça, não mais uma menina. Aos 12 anos, após passar por duas menstruações - *imba'asy* -, fui para dentro da casa por três dias, um período que chamamos de *ojevyma*. Somente após o terceiro dia eu poderia sair normalmente de casa. Durante esse tempo, ainda não era possível comer carne.

Esperei meu cabelo crescer para que eu pudesse voltar a comer de tudo. Nós voltaremos a comer quando o cabelo crescer um pouco mais. Quando meu cabelo cresceu um pouco mais, levei para o meu avô um pedacinho de carne bovina, suína e de frango para benzer, para que eu pudesse comer e me sentir saudável, assim como cuidar do meu corpo de moça e da minha saúde.

Quando eu estava nesse procedimento, eu comia apenas peixes que minha mãe pescava comigo no rio que cortava a divisa de nossa terra indígena. Pegávamos lambaris com rabo vermelho, que chamamos de *pikyít*. Minha mãe me disse que nós, meninas, podíamos comer apenas certos peixes, e não outros, como o lobo, o pintado, o pacu e as

piranhas. Eu também comia arroz branco, batata-doce, mandioca, milho assado, abóbora, banana e frutas como laranja, pokã e goiaba, além de beber chá com açúcar e água.

Relato como foi a minha primeira menstruação e compartilho através da minha dissertação de pesquisa, junto à minha comunidade e ao mestre Nhãndesy, que orienta as meninas a seguirem o processo de resguardo durante o primeiro ciclo menstrual do povo Kaiowá, que atua em Panambizinho. Hoje, vivemos com essa cultura que sempre preserva as mulheres indígenas Kaiowá. Quando minha menstruação veio pela primeira vez, eu me senti bem, pois já estava preparada pelas orientações da minha mãe e da minha avó, que também passaram pelo processo de menarca fazendo o ritual. Quando vi minha primeira menstruação, fui imediatamente avisada à minha mãe, e ela me resguardou em casa por cinco dias. Todas as meninas, ao terem sua primeira menstruação, contam primeiro à mãe. Ela procura as tias ou avós, para que possam orientá-la no resguardo. Se isso não for feito, o espírito pode sentir o cheiro da menina em seu primeiro ciclo menstrual, como o da onça, que chamamos de *jaguetê jepotá*, que busca 'namorar' as meninas que ficam fora de casa sem avisar suas famílias.

Compartilho aqui, por meio da minha pesquisa, o processo de resguardo da minha filha, que passou por ele ao entrar na fase do ciclo menstrual em nossa própria aldeia. Eu mesmo a orientei sobre como seguir o que aprendi e vivi durante minha fase de menarca, da infância para a juventude.

Quando minha filha tinha 10 anos observei primeiro o crescimento dos seios dela. Quando percebi que os seios estavam maiores, pedi que parasse de comer carne bovina, suína e de frango, além de alimentos gordurosos. Expliquei o processo que ela seguiria até sua primeira menstruação. Ela seguiu minhas orientações e ajustou a sua alimentação, passou a comer apenas arroz branco, sem sal e cozido, além de peixes como o lambari de rabo pintado, chamado *pikytí*. Assim que ela teve sua primeira menstruação, imediatamente me avisou. Então, coloquei-a em resguardo dentro de casa por cinco dias. Durante o período de resguardo, prepare um banho com plantas medicinais, utilizando folhas de cedro, pimenta vermelha.

Durante o período de cinco dias, ela praticou socar o milho, e minha mãe colocou o pilão dentro de casa para que ela se movimentasse e não ficasse preguiçosa. Após os cinco dias, pedi que ela passasse *yrukum* no seu rosto. Nós, povo Kaiowá de Panambizinho, continuamos a praticar nossa cultura de forma viva, forte e respeitada. A importância desse ritual está na sua resistência.

Uma nativa pesquisadora

Durante a pesquisa fiz fotografias e vídeos enquanto dialogava com as mulheres kaiowá, sobretudo as mais velhas da terra indígena Panambizinho, como as ñhandesy. Também conversei com as mães, merendeiras e professoras. Nesse percurso estive com essas mulheres na escola e em suas casas. Foi na casa dessas mulheres que tive a oportunidade de conversar sobre os cuidados das meninas e aprender sobre os usos das plantas medicinais, o preparo e o manuseio.

Os principais procedimentos metodológicos utilizados foram o trabalho de campo e as entrevistas. As entrevistas foram realizadas ao longo da pesquisa. Como moro na terra indígena e conheço as mulheres, foi mais fácil conseguir conversar com elas. As entrevistas não seguiram um modelo pré-estruturado, fui conversando com as mulheres, e elas me mostraram as plantas medicinais de seus quintais.

Além das entrevistas, me baseei na minha própria trajetória, pois sou indígena do Panambizinho e tenho experiência com os rituais de menarca e com o uso de plantas para a saúde. Usei quando era adolescente e continuo usando as plantas e minha filha também usa.

Seção 1

Meu lugar, a Panambizinho

A pesquisa para essa dissertação foi desenvolvida na terra indígena Panambizinho, que está localizada no município de Dourados, Distrito de Panambi, Mato Grosso do Sul.

A população Kaiowá, esteve nesse espaço por mais de 50 anos distribuída em uma área de 60 hectares de terras, com um número aproximado de 400 pessoas. A presença indígena foi se espremendo à medida que chegavam colonos advindos de várias regiões do Brasil. As terras dos Kaiowá foram cedidas pelo Estado no período da colonização federal denominada CAND, no governo de Getúlio Vargas. Maciel (2005) destacou que somente na década de 1920 que os Kaiowá passaram a ser mais pressionados a deixarem o Panambizinho, quando então eram liderados por Pa'i Chiquito.

Segundo Schaden (1974), a família extensa de Pa'i Chiquito seria uma das poucas a seguir o padrão da organização social Kaiowá, sobre a qual ele produziu uma viva descrição dedicada às relações econômicas no grupo familiar [que estava] em vias de dissolução em consequência do avanço cada vez mais rápido da Colônia Federal de Dourados, cuja diretoria mandou lotear quase integralmente a terra dos índios, a fim de distribuí-las a colonos vindo de fora (SCHADEN, 1974, p. 9).

Foi apenas no primeiro decênio do século XXI que finalmente o Estado Nacional homologou a Terra Indígena Panambizinho, ampliando a área ocupada pela comunidade para 1.272 hectares. Mesmo diante de uma situação bastante difícil e complexa, com um território étnico ancestral muito reduzido, os kaiowá de Panambizinho têm conseguido manter suas culturas e tradições.

As histórias contadas pelos Kaiowá de Panambizinho, sob diferentes aspectos e, às vezes, com diferenças, são relatadas na pesquisa da antropóloga Katya Vietta (2007).

Como minha mãe Maria Aquino contou, foi assim que se deu a criação de Panambizinho, por volta de 1850. Naquela época, o local era chamado pelos Kaiowá de *ka'aguyrusu* e se estendia desde o rio Dourado. A fauna era abundante, com animais como a onça-pintada, o veado, a anta, todos vivendo em harmonia em seus habitats naturais. Os povos Kaiowá praticavam a caça, a pesca e a coleta de plantas medicinais para preparar remédios caseiros. Quando as mulheres faziam resguardo após o parto, os remédios feitos com essas plantas eram usados para curar os filhos, aplicados no umbigo dos recém-

nascidos, já que não havia hospitais na época. Assim, as crianças se curavam com o auxílio da floresta e de seus recursos.

Naquele tempo vivia somente os kaiowá, pois os *karaí* (os brancos) ainda não tinham chegado.

As famílias Aquino moravam em locais conhecidos como *guavira'y*, que ficavam à beira do rio Dourados. Outras famílias se reuniram e se mudaram para a terra indígena de Panambizinho. Entre elas formavam as famílias do cacique Lauro Concianza, que se deslocou para a região de Fátima do Sul, onde cresceu e se casou com Dorícia Pedro. Nos mesmos locais do *guavira'y* já residia o cacique Paí Chiquito Pedro, que praticava *jehovasa*, rezava e curava através do seu benzimento. Por volta de 1939, Chiquito Pedro veio para o rio chamado *narãka háí*, que é o córrego Laranja Doce. Ele começou uma trilha até que chegou ao espaço conhecido como *xiru karaí*. Esse povo Kaiowá se reuniu para construir casas de reza em uma área de cerca de 60 hectares, ocupando essas terras e dando o nome de Panambizinho, cercado por uma grande floresta, o *ka'aguyrusu*.

Com o tempo os *karaí*, que são os brancos, viabilizaram o desmatamento e abertura de estradas. Para facilitar essa atividade, os brancos ofereceram roupas, mantimentos e ferramentas aos povos nativos em troca de permissão e mão de obra para derrubar as árvores. Assim, restaram apenas dois lotes de 60 hectares, que hoje chamamos de território Panambizinho. Todo o *ka'aguyrusu* foi destruído, e as florestas foram desmatadas, deixando os nativos Kaiowá ocupando suas terras sem floresta.

Atualmente, em Panambizinho, não há mais *ka'aguyrusu*, pois os brancos já destruíram tudo o que havia. A floresta que fica dentro das propriedades dos fazendeiros, que não permitem mais a entrada em áreas reservadas para a caça e a pesca dos indígenas, pois essas áreas estão protegidas. Os fazendeiros instalaram câmeras e proibiram até mesmo a coleta de plantas medicinais. Os Kaiowá de Panambizinho cultivam suas plantas medicinais em suas próprias casas, como fazem as *ñhandesy*.



Imagem 4. Áreas preservada da Nhandesy Roseli com plantas medicinais.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Os desafios que vejo hoje em Panambizinho estão relacionados às suas lutas, ao modo de plantar algumas plantas medicinais, às coletas de plantas medicinais, e aos lugares no fundo da aldeia, onde Fineida faz suas coletas para preparar remédios caseiros, como chás, para suas filhas e para si mesma.

Fineida conta que é essencial manter o corpo saudável e forte, e seus cuidados fazem parte da cultura e do cotidiano do povo Kaiowá. Os alimentos tradicionais, como o milho branco, *avati morotî*, usado para fazer a chicha, são conservados junto com a prática da reza e da dança, além da coleta na própria roça, colhendo frutos e alimentos para sustentar as famílias. Esse sustento envolve uma parceria entre os próprios indígenas, que plantam para as famílias com o uso de maquinários, garantindo a produção de alimentos. As mulheres da comunidade também cultivam plantas medicinais ao redor de suas casas, preparando remédios caseiros para uso próprio e para suas filhas.

Atualmente a terra indígena encontra-se arrendada. Em 2016, a comunidade de Panambizinho começou a se reunir com as famílias que possuem roças maiores para estabelecer uma parceria com os próprios arrendatários indígenas da reserva Jaguapiru. A reunião foi produtiva, e a plantação de soja e milho começou gerando sustento para as famílias que necessitavam de recursos. Após nove anos de cultivo, essa atividade proporciona ajuda para as famílias. O resultado positivo permitiu que cada família

comprasse alimentos e construísse suas casas em alvenaria, pois atualmente não há mais *sapé* disponível para a construção.

As famílias que arrendam são as que têm terras maiores, o valor do arrendamento depende muito do tipo de planta e quantidade que será colhida. Até o momento não houve impacto nas plantas medicinais, pois tudo tem ocorrido com cuidado. As plantas medicinais continuam sendo plantadas ao redor das casas ou na beira dos rios.

A terra indígena Panambizinho é dividida, e em cada parte da roça, o plantio é feito em parceria com arrendatários indígenas, moradores da reserva indígena Aldeia Jaguapiru. Eles garantem o sustento às famílias que precisam de sua subsistência, vida sustentável e apoio financeiro no dia a dia. Milho e soja são plantados, e cada roça da comunidade Panambizinho gera renda familiar, permitindo que vivam por meio do sustento agrícola e da parceria com a agricultura familiar. A Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER) apoia o fornecimento de sementes tradicionais, como abóbora e mandioca. Assim, a comunidade Panambizinho mantém suas famílias de forma sustentável. Essa parceria no planejamento fortalece a união entre as lideranças e a comunidade para cultivar em cada roça existente na aldeia.

Os desafios do povo Kaiowá de Panambizinho hoje estão ligados às lutas para preservar sua cultura e a natureza, e praticar a ancestralidade em seu território. Além disso, dificuldades como falta de água, saneamento básico, problemas de saúde e ausência de medicação. Muitos jovens participam de movimentos, indo para Brasília no Acampamento Terra Livre (ATL) e encontros de jovens. Quando ocorrem encontros em outras aldeias, eles buscam novos conhecimentos e conhecem povos e lugares de outros *tekoha*.

Atualmente, os jovens do Panambizinho estão avançando em suas formações e ingressando nas universidades em busca de seus sonhos, após estudarem na escola Pai Chiquito. Eles procuram se formar para trabalhar dentro da própria aldeia, e têm se mostrado engajados em movimentos e encontros. O território indígena Panambizinho é demarcado, com 1.284 hectares, mas os Kaiowá ainda vivem em uma área limitada desde 2005. Com a ampliação das terras, o povo mantém muitas tradições, seguindo costumes antigos. A antropóloga Katia Vietta (2007) em sua tese de doutorado comenta sobre os Kaiowá, que vivem no estado de Mato Grosso do Sul.

Os Kaiowá da Terra Indígena Panambizinho, mesmo diante da convivência com os não-índios e a vivência com o conflito, procuraram

demonstrar sua cultura tradicional, seus valores, costumes, rezas, danças, bebidas e moradias. Segundo eles, mantendo-se Kaiowá e dando uma importância à sua história. Com base na concepção de cultura, entende-se como as sociedades indígenas se organizam no mundo, compondo tudo ao seu redor, ou seja, as relações com a natureza, com o universo, com o sobrenatural e com a sociedade (MACIEL, 2005).



Imagem 5. TI Terra indígena Panambizinho.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Essa é minha aldeia terra indígena Panambizinho, eu vivo e atualmente moro dentro do meu *tekoha*, meu território é um lugar muito bonito, e um espaço que vivo e gosto de morar e conviver com minha família. Luto para manter viva a cultura kaiowá.

O *tekoha* Panambizinho é um território tradicional há anos, nós da comunidade, residimos aqui no nosso espaço, sendo muito importante principalmente a reza e cantos, crenças e fazer *ohovasa* – benzer as meninas moças, aquelas que acabam de sair dos 5 dias após da menarca de resguarda de dentro da casa. Os *nhānderu*, as *nhāndesy* e as famílias dos kaiowá se preocupam muitos para que elas não atraiam coisas ruins e mau espíritos. Isso vem dos antepassados de geração em geração do povo kaiowá.

Seção II

Resistência, cuidados com as meninas-mulheres kaiowá: fotografias que ensinam

O ritual *Mita kunhâ ikoty nhêmody á* é praticado pelo povo kaiowá da terra indígena Panambizinho e tem tido apoio significativo da escola Pa'í Chiquito Pedro em relação as famílias, as mães e as meninas que estão vivenciando o ritual e passagem de menina para moça.

As meninas vão para a escola preparadas para uma alimentação diferenciada, pois somente podem comer frutas, como: maçãs, laranja, banana, e bolacha de sal e algumas comidas sem carne e que não tenham leite ou gorduras. E as merendeiras da escola precisaram ser informadas para prepararem os alimentos. Eu também passei por esse processo, agora busco a continuidade da pesquisa sobre o ritual kaiowá no espaço onde vivemos.

Em casa, as mães preparam as meninas para esse ritual de passagem. Começam a conversar com suas filhas sobre o que devem ou não comer, o que devem ou não fazer. E uma regra de obedecer nesse período não pode comer alimentos com gordura, como a carne bovina, carne suína, aves e carne de animais do mato, como a do tatu e de outros. Também não podem comer sal, feijão carioca, leite. Podem consumir somente frutas, como banana, laranja maçã, suco, bolacha de sal e peixe. Chá com açúcar é liberado e arroz cozido que pode ser consumido com um pouco de sal, os seus itens pessoais devem ser separados, como o copo, pratos, colheres, panelas.

Esse ritual que vem sendo praticado é muito importante para a vida do povo kaiowá, ele vem de muitos anos, dos nossos antepassados e é passado de geração em geração para as famílias kaiowá do Panambizinho. Primeiramente a mãe sempre anda observando a filha, vendo se os primeiros seios aparecem para que ela já possa conversar com a menina, pedir a ela para parar de comer as carnes de origem bovina, e suína e aves, animais de mato, como tatu e entre os outros. E somente são liberados peixe, lambari *pikyî* e nada de outros peixes, arroz cozidos sem sal e mandioca. Geralmente, as mães das meninas que já iniciaram o processo avisam a direção da escola, coordenadores e merendeiras.

A menina tem que obedecer a tudo que a família pediu e ela não pode comer escondido, pois pode ter risco de passar mal, ter problema na saúde. Quando começa a ter

o ciclo menstrual, a menina informa a mãe para que ela permaneça por 5 dias dentro da casa. O local deve ser fechado, ela não pode sair para fora. Se ela precisar fazer as suas necessidades, chama a mãe, que a leva envolvida por um lençol para o banheiro.

A menina não pode dormir no chão, porque embaixo da terra existe cobra-cega que pode dar *jepotá*. A cobra-cega é gente na cultura kaiowá. Se não cobrir a meninas os espíritos podem vê-las como arco-íris - *ji'y* e *maetîrõ*, que são os espíritos que não vemos. Para tomar o banho a mãe coloca as folhas de cedro fervendo com água e casca de *ysy*, que é uma planta nativa que serve para queimar embaixo da rede ou cama, também podendo colocá-la na testa, na cabeça. É um remédio caseiro e tradicional.

Depois de cinco dias os pais da menina procuram o *nhãnderu*, rezador, para levar a menina na casa dele para benzê-la, para poder sair da casa e voltar à escola. Já que durante cinco dias a menina não pode ir para a escola por estar de resguardo. No Panambizinho ainda tem os rezadores, e alguns pais também levam sua filha para outro cacique que mora em outros territórios kaiowá. Caso a mãe procure outro cacique, ela tem que transportá-la toda coberta de lençol e levar mais ou menos na madrugada, às 2:00 horas da manhã. E também a mãe já a leva com o cabelo cortado, que já deve ser cortado no período dos cinco dias.

Após o ritual passado pelo rezador, a mãe passa no rosto da menina o *yrukun* (urucum) e o cacique faz o *jehovasa* (benzimento). Mesmo com o benzimento do rezador *nhãnderu*, ela ainda não pode comer nenhum dos alimentos comentados anteriormente. Esse *jehovasa* é importante para não ter dores de cabeça, e outros tipos de doenças, para que ela fique sempre saudável.

Segundo Lopes (2016), quando vem o primeiro ciclo menstrual da menina kaiowá é que ocorre a passagem de menina para moça. É com o segundo ciclo menstrual que a menina começa a ficar reclusa somente três dias na semana e não precisa mais ir a casa do rezador. Ainda pode voltar a comer alimentos preferidos e pode deixar o cabelo crescer. Nesse processo de crescimento do cabelo a mãe observa a menina. Conforme vai crescendo a ponta do cabelo, a mãe vai observando, permitindo que a moça possa voltar a comer os alimentos.

Quando vai comer a carne primeiramente leva para os *nhãnderu* benzer. Não pode comer sem benzer os alimentos. Os cabelos que foram cortados a mãe leva a correnteza da cachoeira, *ytu* na língua Kaiowá, para a menina se sentir bem. Quando

voltar para a escola o seu comportamento é diferente de antes, pois agora a menina se transformou em moça.

A *nhãndesy* Rosely Jorge conta sobre os remédios caseiros, tipo de farinha que nós, Kaiowá, chamamos *mba égua*. É uma mistura para colocar junto com alimentos e algumas mães utilizam isso para as suas filhas. Rosely ensina que este é um ritual do povo kaiowá que é marcado pela lua, a *jasy*. Ela conta que pode utilizar as folhas de pimenta vermelha para o banho também. Antigamente, em nosso *tekoha* Panambizinho, as meninas kaiowá tinham medo de doenças e até hoje têm medo. Em nosso *tekoha* Panambizinho ainda tem seu Nelson Concianza que é rezador e faz benzimento para as meninas que estão passando por esse processo da menarca. Também tem outro cacique, chamado Jairo Barbosa, que ele atua no outro *tekoha*, e ele também faz o *jehovasa*, o benzimento. As meninas indígenas kaiowá tem essa convivência no *tekoha* que chamamos de *mitã kunhã ikoty, nhêmomdy*^a. A minha dissertação sobre este ritual é para valorizar, respeitar e guardar a tradição do povo kaiowá.



Imagem 6. Fineida Aquino na coleta de remédio medicinais.
Fonte: Arquivo da autora, 2023.

A foto acima é de Fineida Concianza Aquino coletando os remédios da sua terra própria indígena. Ela sempre vai aos brejos da beira dos rios que fica no fundo da roça, onde ela faz a busca de plantas medicinais quando necessita, principalmente quando tem dores de cabeça. É importante para nós kaiowá que as plantas medicinais não acabem, pois é com ela que cuidamos da nossa alma, da natureza e do bem viver.

A família sempre ajuda com banho de remédios caseiros, preparados também com as ervas medicinais, como *ysy, amescla* e *nhārakatiguy, jy y pohã*, considerados remédios de arco-íris, isso se fazia muito antigamente e os kaiowá usavam para se curar de doenças quando não tinha plantas medicinais.

Esse conhecimento vai sendo passado de geração para geração. Tem vez que algumas plantas medicinais não têm no próprio *tekoha*, e tem que ir à procura de remédios caseiros em outros lugares. Os remédios encontrados na Panambizinho fora da aldeia, ou

na fazenda dos *karáí*, são importantes para a manutenção do nosso modo de ser. É importante dizer que o papel dos homens é coletar os remédios medicinais em lugares da mata e floresta. Os pais mais velhos vão em busca dos remédios tradicionais para o banho para os seus filhos. O avô vai ou eles mandam alguém trazer para eles.

A partir de agora irei trazer algumas fotografias para explicar sobre os cuidados que as mulheres tem com seu corpo e o corpo das meninas durante o ritual *mitã kunhã ikoty*, *nhêmomdy*^a que é a passagem de menina para moça.



Imagem 7. Nhândesy Roseli Jorge mbaegua mostrando remédios medicinais.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O nome dessa planta medicinal é *mbaegua*. É uma planta cultivada na casa da *nhândesy* Roseli Concianza. É uma planta sagrada e é usada quando a menina entra no processo do período da menstruação - *imba'asy* – pode ser utilizada na mistura com outros alimentos. Ela é tipo a batata, suas raízes são socadas no pilão e trituradas, virando pó de farinha, que é utilizada junto a outros alimentos. A planta é importante para que a menina não adoça, não tenha tontura e nem fraqueza.



Imagem 8. Ysy e seu líquido.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O líquido de ysy é muito utilizado pelo povo kaiowá. Em toda casa kaiowá tem um pedaço de ysy. Muito usado para as dores de cabeça. Para o uso no ritual é usada nas meninas após o resguardo, tanto na testa quanto nos braços. Ysy é uma proteção para o kaiowá e ajuda a melhorar o corpo de menina, tanto para mulheres adultas. Os homens também usam no dia a dia do seu território.



Imagem 9. Yruku-Urucun.

fonte: Arquivo pessoal da autora.

Yruku-urucun é sagrado, e valorizado para os povos kaiowá e guarani. Usamos para pintura corporal e para a cerimônia no batismo. Também é usado quando as meninas entram na sua menarca para o resguardo, é costume usar no rosto e nas pernas.

O *yruku* fazemos com água, coloca a semente junto e põe no fogo, esquentando até formar um líquido vermelho. Após isso retiramos do fogo e esfriamos, só após esse processo é que usamos no corpo para a proteção.

Os kaiowá fazem com *yruku*, usam somente para pintura que chamamos *jegua*. A pintura no rosto e no corpo faz bem para a menina, para os meninos também.



Imagem 10. Callisia Repens
Fonte: Arquivo pessoal da autora

A planta que está no meio das árvores foi plantada por Rosângela Aquino. Seu remédio serve para o coração e o estômago. Se houver dores intensas na cabeça ou no estômago após comer certos alimentos, basta pegar algumas folhas e colocá-las na erva do tereré. Para ela, cuidar da própria saúde e da saúde da família é importante, utilizando esses remédios caseiros feitos em casa.



Imagem 11. Rosângela Aquino mostrando as orquídeas do brejo secas - Memby pohã.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Rosângela Aquino mostra o remédio caseiro guardado, que serve para mulheres a para as mulheres evitarem a gravidez. Ela já utilizou com erva tereré para não ter mais filhos. O remédio ajuda o corpo da mulher a se manter forte. As orquídeas servem para as mulheres e meninas que não querem se tornar mãe. *Memby pohã* são remédios feitos de orquídeas retiradas no brejo, podem ser trazidas para plantar na casa em tronco de árvores. O seu uso se dá da seguinte forma: tira o pedaço e ferve na água, o que irá se transformar em um chá. As mulheres precisam tomar.



Imagem 12. Planta medicinal.
Fonte :Arquivo pessoal da autora.

Essa é uma planta medicinal tradicional que serve para dores de cabeça, sangramento nasal e feridas na região do nariz, tanto em crianças quanto em adultos. Para utilizar a folha, basta ferver com água e lavar o rosto para parar o sangramento.



Imagem 13. Boldo.
Fonte: arquivo pessoal da autora. (2023).

Na casa da professora Luciana Concianza Aquino, moradora de Panambizinho, se encontra muito boldo. Essa planta serve para diarreia, vômitos e febre. Também ajuda muito quando a criança está se sentindo mal. Nesse caso é pegar algumas folhas e ferver com água quente. A criança toma como chá. É muito comum encontrar boldo na casa kaiowá.

Essa planta é também plantada no quintal da casa da professora Luciana Aquino. Segundo Luciana é um remédio que serve para homens, crianças e mulheres. Essa planta é eficaz para dores de útero em mulheres e para meninos ou homens que sentem dores abdominais. Chamamos na língua Kaiowá de *ajakarasy pohã*. É fervida com água. Eu pesquisei quando fiz aula de campo com a professora Luciana Concianza Aquino, moradora da terra indígena Panambizinho. Ela relata que esse remédio é importante e que foi buscar no brejo do rio que faz parte da divisa de Panambizinho. Ela plantou em um balde e mantém no quintal para usar quando ela ou alguém da família precisar. Ela oferece as folhas ou a raiz para fazer chá ou no tereré. Ela menciona que seu pai, Cacique, conta a história que foi o *nhãnderu* que deixou para nós, para cuidarmos do corpo, e que faz parte do nosso cotidiano.



Imagem 14. Nhãndesy Iracema e sua floresta de plantas medicinais.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Iracema Aquino, *nhãndesy*, conta que na Panambizinho se usa muitos remédios para cuidar da saúde mental, em sua casa tem uma florestinha com muitas plantas medicinais. A Iracema conta que não precisa dos remédios dos não indígenas – *karai*, faz uso dos remédios do seu quintal e usa para o bem-estar das meninas. Uma planta que chama atenção é a *yvyxim*, usada pelas mulheres quando estão para ganhar neném. Se toma banho com a casca e a folha ajudando a gestante na hora do parto. ara mulheres que vão ter o seu bebê, pode tomar banho com a casca e folha. Antigamente as mães indígenas usavam durante a gravidez para o bebê nascer saudável, e também o uso ajudava para que a mãe não sentisse muitas dores na hora do parto.



Imagem 15. Mbajé pohã.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa planta foi encontrada na casa da *nhãndesy* Iracema Aquino, chamada de *mbajé pohã*, conhecida como remédio do diabo. Usada para quando sente dores fortes no joelho, sendo utilizada suas folhas e raízes. As folhas e raízes são fervidas e se passa o

chá nos joelhos e nas pernas. Essa planta foi encontrada no distrito de Indapólis, no município de Dourados. Antigamente era muito utilizada pelos seus avós. Iracema conta que fez o chá para seu filho que sentia muitas dores no joelho e não conseguia mais andar. Com o uso das folhas e raízes o filho voltou a andar.



Imagem 16. Anamelia mostrando as plantas medicinais.
Fonte: Acervo próprio, 2023.

Na imagem a *nhãndesy* dona Anamelia mostra os remédios que podem ser encontrados na aldeia. As plantas são remédios que servem para o corpo das mulheres e para as meninas se sentirem saudáveis.

É de um remédio plantado no quintal dela, ela explica que esse é o mais procurado pelas mulheres indígenas kaiowá, ele serve para o útero, ele age limpando as feridas que existem dentro do corpo da mulher. A forma de uso é pegar as folhas, ferver e tomar um pouquinho. A outra forma é usar a raiz e colocar junto ao mate (chimarrão).



Imagem 17. Nhãndesy Roseli Jorge Concianza.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Apenas pessoas autorizadas podem manipular essa planta, pois o preparo das folhas ou raízes é destinado a pessoas com problemas mentais e a meninas que apresentam a doença *filipsia*, caracterizada por dores intensas na cabeça ou desmaios. As folhas são preparadas com água fervida e utilizadas em banhos quentes, com a prática de lavar o corpo diariamente.

Esse remédio é útil para as meninas que estão no período menstrual, pois a erva do diabo ajuda a prevenir o jepota, que pode afetar meninas em resguardo. A nhãndesy plantou essa planta porque as famílias e a comunidade de Panambizinho a buscam, pois ela é benéfica para a saúde. Ela ressalta que essa planta é do *ãnhãy ka´a* e ninguém pode

se aproximar dela sem consultar a *nhãndesy*, pois não se trata de uma planta medicinal comum. Essa planta possui espinhas e é utilizada em banhos quentes.



Imagem 18. Pariparoba branca.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa é a outra *pariparoba*, branca, nativa, vivem na beira do brejo dos rios, ela tem diferentes cores e a cor da flor branca é plantada no quintal ao redor da casa. Serve para dores de garganta, para gripe e tosse. Pode ferver as folhas e depois lavar a cabeça e o rosto. Também pode ser usada no banho. É uma planta medicinal que os kaiowá utilizam muito no dia a dia, principalmente para as crianças.

No nosso *tekoha* Panambizinho, no *xiru karai* que é um espaço sagrado, tem uma cachoeira onde é possível encontrar *pariparoba* vermelha, que é utilizada para gripe e dores na garganta, também para tosse comprida. Suas folhas são ferverdas, e lavando o

rosto e cabeça, e logo se sente bem com esse remédio tradicional que vive no brejo da valeta do varjão, encontrado no *xiru karai*, que existe esses remédios e usam muito o povo kaiowá com seus filhos no dia a dia.



Imagem 19. Nhândesy Roseli Jorge Concianza.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa planta é uma planta medicinal que a nhândesy Roseli Concianza plantou em sua casa. Ela é utilizada para o corpo e serve como remédio para alergias e dores no corpo, além de ser aplicada no rosto das meninas para prevenir espinhas.

Essa planta medicinal chama-se ãngu'ay e é benéfica para a pele, especialmente em casos de alergia. Ela explica que ferve a casca e usa a água resultante no banho quente. Após esfriar, basta tomar o banho e lavar o rosto, promovendo cuidados para evitar feridas na pele.



Imagem 20. Planta que parece amendoim.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A agente de saúde Rosângela Aquino explica que esse remédio caseiro foi buscado na fronteira com o Paraguai, pois alguns remédios de plantas medicinais não são mais encontrados em Panambizinho. Ela compra de outras *tekoha* das aldeias e trouxe para vender ou trocar com outras mulheres indígenas, visando a utilização para suas filhas que estão se preparando para entrar no período de moças.

Esse remédio é um tipo de amendoim, mas não é amendoim. Ela disse que serve para o estômago e para dores. Se a menina sair do resguardo e não quiser comer alimentos, ela pode tomar com água fervida e fazer chá para limpar o estômago e voltar a comer, evitando que o corpo fique fraco ou que haja cansaço. Ela já se prepara para a filha, que está prestes a entrar no processo de menarca.



Imagem 21. Pikatî.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O remédio *pikatî*, cheiro gambá, serve para os ossos e é passado no corpo, principalmente nas pernas para tratar picadas de cobra.

Quando a pessoa é picada pela cobra se prepara o remédio através das folhas e raízes, que é fervida com água quente. Depois disso, após esfriar, é passado no corpo da pessoa que foi picada. Essa forma ajuda a aliviar a dor da picada da cobra.



Imagem 22. Pimenta vermelha Ky'yî.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A *nhãndesy* Roseli Conciaza conta que a pimenta vermelha serve para o banho, fervida ajuda a espantar sentimentos ruins, afastar o espírito que deixa as pessoas tristes, como o *yy'y*, por isso a menina precisa obedecer às mães e não sair da reclusão.



Imagem 23. Planta medicinal encontrada na casa da Anamélia.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A nhãndesy Anamélia mostra que essa planta, que é remédio para mulher indígena, serve para o colo do útero da mulher. Infelizmente não sabe o nome, nem mesmo em guarani. Anamélia tem um cuidado especial com essa planta, que tem batata debaixo da terra. Seu uso se dá da seguinte forma: arranca, lava, ferve com água e coa. A mulher precisa ir tomando aos poucos. É uma planta muito usada pelas mulheres, mas

também pelas meninas após o período de resguardo. Seu principal uso é para cuidar do útero da mulher.



Imagem 24. Ysy.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A Ysy é uma Amescla nativa usada pelo povo Kaiowá. É um remédio coletado de árvores quando sai um líquido e é repassado para as meninas, que a aplicam na testa, na cabeça, nos braços e no corpo para manter a saúde. Com isso, não vem o maêntirõ, que é uma coisa espiritual ruim que pode atingir a menina. A Ysy ajuda a curar e proteger o corpo.



Imagem 25. Orquídeas.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa é a orquídea que é um remédio para mulheres indígenas Kaiowá que a utilizam para não ter mais filhos. Assim somente a mulher que não deseja ter filhos pode tocar nela e tomar com tereré.



Imagem 26. Orquídeas na árvore.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A orquídea que mostra na árvore, foi colocada pela agente de saúde Rosângela. Ela colocou na árvore e usam somente para o útero da mulher, ela conta que só pode tocar nela a mulher que não queira mais ter filhos, pode tomar, fazendo chá, e também a meninas depois de ficarem moça, se a mãe quiser autorizar a ela, pode tomar, mas ela nunca vai ter filhos para ter famílias.

Por isso que esse remédio orquídeas nativas caseiros de plantas não se usam assim de qualquer jeito, os remédios têm os seus segredos. É uma cultura dos povos originários kaiowá aqui da terra indígena Panambizinho.



Imagem 27. Yvyxim.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A árvore da figura acima está plantada na casa da dona Iracema, que é *nhãndesy*. O uso desse remédio se dá da seguinte maneira: apenas a casca é retirada para ser fervida e utilizada no banho. Esse remédio se chama *yvyxim*, no idioma Kaiowá, e somente mulheres gestantes podem tomar o banho, sempre com a casca, até o bebê nascer. Antigamente, as mães indígenas usavam durante a gravidez para que o bebê nascesse saudável. Elas também não sentiam dores fortes durante o parto, pois já tomavam banho com esse remédio de *yvyxim*.



Imagem 28. Plantas.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa foto acima também é de um remédio plantado no quintal da *nhãndesy*, mestre tradicional Iracema Aquino. Ela explica que esse é o remédio mais procurado pelas mulheres indígenas Kaiowá e serve para o útero. Ele atua limpando as feridas que existem dentro do corpo da mulher. Ela pega as folhas, ferve e toma um pouco, ou pega a raiz e mistura com a erva-mate. Ela diz que fez muito uso dele e está bem com sua saúde.



Imagem 29. Inhãme e cará

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A agente de saúde Rosângela Aquino conseguiu plantar o cará e o inhame, que são comestíveis. Eles são um tipo de batata e podem ser consumidos cozidos com carne. Antigamente, os *myamyryn* e os *kaiowá* não tinham mandioca e comiam cará. Quem pode comer são principalmente as meninas moças, pois isso evita o rachar os pés e contribui para um corpo saudável e pés finos. Todas as plantas mostradas nas imagens foram plantadas no quintal da casa da dona Rosângela. Ela acredita no *nhãnderu*, que deixou essas plantas para os povos *kaiowá*. Por isso, utiliza essas plantas medicinais e remédios

para cuidar de seus filhos e acredita que é importante que eles se sintam bem com os remédios que planta, ajudando a preservar a cultura dos povos kaiowá.



Imagem 30. pó verde medicinal.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A *nhãndesy* Iracema Aquino mostra que pegou um pó verde que estava nos troncos de uma árvore, destacando sua importância para a saúde das mulheres indígenas kaiowá. Ela utilizou esse remédio caseiro quando desejava ter mais filhos, pois acredita muito na eficácia desses tratamentos. Iracema faz os remédios para sua família e se sente bem ao utilizá-los no chimarrão, preparando também para seu esposo. Ela tem uma vivência rica em sua floresta de plantas medicinais.



Imagem 31. Karaguatá.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa é uma planta nativa medicinal chamada karaguatá, utilizada para a confecção de redes kaiowá. Antigamente, os fios de karaguatá eram usados para fazer redes de dormir. As meninas que entram em resguardo dormem nessas redes feitas pela mãe ou pela avó durante o período de resguardo, que dura cinco dias.

As histórias permanecem na memória dos kaiowá e nunca são esquecidas, refletindo a cultura que nossos antepassados nos deixaram. A nhândesy Iracema fala sobre a importância de viver bem para o povo kaiowá em nosso território de Panambizinho, com os remédios plantados perto de nossas casas. Ela explica que esses remédios são benéficos, por isso os utilizamos diariamente em nossas famílias, e outras mulheres vêm em busca desses remédios medicinais.



Imagem 32. Gangorosa.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa é uma planta chamada gangorosa que serve para a diarreia e o cansaço. Utiliza-se as raízes dessa planta que são fervidas com água quente para fazer um chá, administrando meia colher para crianças e adultos quando apresentam diarreia intensa. Essa planta também é cultivada na casa da *nhãndesy* Roseli Conciaza. Para ela, existem remédios de vários tipos de plantas medicinais. Ela aprecia muito e sente felicidade por ter tudo em sua própria casa.



Imagem 33. Pynó.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa planta medicinal é cultivada na casa da nhândesy Roseli Jorge Concianza e chama-se pynó. Ela é usada para dores nos ossos e na coluna. Para aliviar as dores, as folhas são batidas em todas as partes do corpo onde há desconforto. A nhândesy menciona que essa planta medicinal é muito importante para o nosso povo kaiowá. Ela é utilizada quando há dores no corpo e também serve para as meninas após o resguardo, ajudando a cuidar do corpo.



Imagem 34. Cedro.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O cedro é uma planta espiritual e importante para os kaiowá.

Para usar o cedro, deve-se primeiro ferver a folha e começar a lavar a cabeça e o rosto, usar no dia a dia, tomar banho e também usar no chimarrão, que serve para limpar a garganta e é bom para tosse.

Sem reza não tem *mitã kunhã ikoty nhêmondy ´a*

Sem reza o mundo kaiowá não existe. Tudo precisa rezar e não seria diferente durante o ritual *mitã kunhã ikoty nhêmondy ´a*. A reza é para cuidar do corpo e do espírito para que não ocorra desmaios *têõ õã* durante o *mitã kunhã ikoty nhêmondy ´a*. As meninas Kaiowá buscam orientação das mães e suas famílias, e precisam de um rezador para o benzimento. A família procura o rezador e precisa que a reza seja parte do ritual de transformação da menina para moça.

A reza é o mais importante para a vida do povo kaiowá, precisa ser valorizada e respeitada. Os anciãos, *nhanderu* e *nhandesy* são procurados porque sem a reza - o *jehovasa* - os kaiowá não vivem. A reza é sagrada. Sem reza não tem corpo forte e alegre.

Utiliza-se o termo de reza para abençoar – *jehovasa* - as meninas durante o tempo de resguardo. Esse ritual é feito para as meninas, e quando estiverem moças, elas já podem fazer o seu casamento que é um ritual que faz parte da tradição kaiowá, porém o casamento tradicional entrou em desuso principalmente entre os jovens que já não fazem mais o casamento como faziam antigamente.



Imagem 35. Casa de reza õngusu.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A casa de reza do seu Nivaldo Severino foi construída em Panambizinho para a moradia de sua família. Ele percebeu que em Panambizinho não havia mais casa de reza e foi à busca de sapé para construir uma. Ele fez isso para sua filha, que vai entrar no período de resguardo, para que ela fique dentro e para que o *ãnhãy*, os maus espíritos, não a observem, pois isso não é bom para a menina em relação ao corpo e à mente. Para isso, foi construída a casa de reza, que é muito importante para os indígenas Kaiowá.



Imagem 36. Bambu.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Este é o bambu utilizado na construção da casa de reza. A nhãnsesy Anamélia Concianza plantou em sua casa. Quando foi construir a casa de reza, já havia bambu em Panambizinho. Antes, não havia bambu, então ela foi em busca da muda de bambu e plantou.



Imagem 38. Casca de remédios medicinais.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A foto apresenta a casca de cedro nas mãos de uma *nhãndesy* que a utiliza como remédio, frequentemente adicionada à erva-mate no chimarrão, para ajudar a purificar o corpo e a garganta, proporcionando benefícios para o corpo todo. Ela mantém esse remédio guardado em casa e, ao acordar pela manhã, prepara o chimarrão e o toma junto. Antigamente, os kaiowá viviam dessa forma, e até hoje ela segue essa prática, preservando o que é parte da nossa vida e dos costumes do povo kaiowá e guarani.

Escola e casamento da moça kaiowá

Atualmente com as redes sociais as formas de namoro são outras. É possível que meninas-moças conheçam os rapazes de fora da sua aldeia para que eles possam conhecer e casar. É importante dizer que o casamento só é possível após o ritual da menarca.

Atualmente eu observo muito na minha comunidade, que as mães se preocupam com suas filhas quando já vai entrando no período do ciclo menstrual, elas procuram logo os remédios caseiros, se comunicam com os mais velhos e rezadores para que as suas filhas tenham os cuidados necessários nesse período.

A imagem a seguir demonstra uma aluna da Escola Pai Chiquito Pedro que voltou a escola após o resguardo. Na escola seu retorno é também o retorno de se alimentar da comida da escola. Na foto é possível perceber o cabelo, o que torna visível que agora se está diante de uma moça. Após cortar o cabelo se retoma também a vida “normal”, a estudar novamente, sem sofrer com as faltas na escola e sem perder as atividades propostas pelas professoras e professores.



Imagem 37. Aluna da Paí Chiquito Pedro.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As meninas são percebidas na comunidade pelo comportamento, pelos cabelos cortados, pelo jeito de andar e pelo olhar mais maduro. Acompanhadas por suas mães, ao encontrarem o rapaz adequado, seguem o caminho para o casamento kaiowá indígena. Importante dizer o seguinte relato: Na pesquisa, foi entrevistada a dona Regina, moradora da terra indígena Panambizinho. Ela é evangélica da "Deus é amor", que é a igreja da qual a maioria dos Kaiowá participa. Ela conta que algumas meninas que estão na fase da adolescência desejam ter cabelos longos porque frequentam a igreja e não querem mais cortar o cabelo. No entanto, ela continua seguindo sua cultura tradicional do Panambizinho. Com suas filhas, ela cortará o cabelo da filha de 11 anos, mesmo que a igreja seja contra. Ela observa que em outras meninas de diferentes aldeias não é permitido cortar o cabelo, conforme relata na pesquisa.

Em famílias não evangélicas se preserva o corte do cabelo.

A família se forma quando a moça está grávida, e as mulheres mais velhas, orientadas pelos pais e mães das famílias, ou consultando a *nhãndesy*, recomendam evitar

certos alimentos durante a gestação, como os peixes pintado, pacu e lobó, que não são bons para as gestantes na cultura kaiowá. Também há restrições quanto a carnes de animais como pato, que pode causar diarreia no bebê após o nascimento, além de lagarto, teju, tatu e capivara. Essas carnes são consumidas apenas por mulheres *nhãndesy* e *jari*, pois podem causar hemorragia nas mulheres kaiowá mais jovens.

kaiowá. Eu mesmo, Tânia Aquino, não comia, porque meus avós já passaram para nós, são vários tipos de carne assim, e não comia durante a gestação, e até os pais da crianças, a esposa se ficar gestante, ele já não pega mais enxada e faca para cortar as coisas, ele também faz o seu repouso até o filho nascer, quando a esposa vem do hospital ele também fica dentro da casa, junto com a esposa por 5 dias de resguardo. Esses peixes não são apropriados para gestantes na cultura kaiowá. O mesmo vale para algumas carnes, como a de pato, que pode causar diarreia no bebê após o nascimento, e também para lagarto, teju, tatu e capivara. Mulheres jovens ou meninas não consomem essas carnes; apenas *nhãndesy* e *jari*, pois essas carnes podem causar hemorragia nas mulheres kaiowá. Eu, professora Tânia Aquino, também não as consumia, seguindo os ensinamentos dos meus avós. Durante a gestação, até os pais da criança adotam certos cuidados: quando a esposa está grávida, ele para de usar enxada e faca, e ambos seguem o resguardo por 5 dias após o parto.

O consumo de carne durante o resguardo pode causar doenças como filipsia, que provocam desmaios e tonturas, e por isso as mães proibem esses alimentos para as meninas. Para as meninas que frequentam a Escola Paí Chiquito Pedro, localizada em sua própria terra indígena, durante o ciclo menstrual, é oferecida uma alimentação composta por frutas como maçã, laranja, banana, além de suco, bolachas de sal sem leite e sem gordura, e chá de mate.



Imagem 39. Escola Paí Chiquito Pedro.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esta é a escola Pai Chiquito Pedro, onde os alunos estudam na terra indígena Panambizinho. As meninas frequentam a escola, onde seu alimento é preparado pela cozinheira com a merenda escolar. É uma escola pequena, específica e diferenciada, onde os alunos aprendem a ler e a escrever. Quando uma aluna entra no processo de resguardo menstrual, as mães comunicam a direção da escola sobre sua filha, para que ela siga as orientações dadas pelos pais. A escola já está preparada para receber meninas nesse período de menarca.



Imagem 40. Alimento da menina da aluna.
Fonte; Arquivo pessoal da autora.

Na Escola Paí Chiquito Pedro é servido arroz, feijão e ovos cozidos, sem sal e apenas com óleo de soja. A menina consome esse alimento até o início do seu primeiro ciclo menstrual. Os pratos e talheres são todos separados exclusivamente para ela, assim

como os copos, que são bem lavados. Somente utilizam esses talheres aqueles que já pararam de consumir carne bovina, seguindo as orientações que os pais lhe deram.



Imagem 41. As merendeiras.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Acima estão as merendeiras responsáveis pela preparação da comida para as meninas que frequentam a escola e seguem uma alimentação restrita, conforme as regras estabelecidas pelos pais. Uma das merendeiras é a indígena Cleide da Silva Pedro, moradora da terra indígena Panambizinho, que possui conhecimento sobre as práticas alimentares das meninas que interrompem o consumo de certos alimentos. A outra merendeira, Regiane Borges, não é indígena e mora na vila de Panambi. Ela segue as

orientações de Cleide para preparar a comida das meninas conforme as regras estabelecidas pelos pais.



Imagem 42. Talheres e pratos
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esses são os talheres escolares das meninas, separados para que elas utilizem na alimentação. As merendeiras preparam o alimento nos pratos para ser servido. Existem regras na escola, que foram comunicadas à coordenação e devem ser respeitadas em tudo que acontece no contexto escolar.

Considerações finais

Ao concluir minha pesquisa aprendi muitas coisas com as *nhãndesy* da minha comunidade e conheci os remédios tradicionais nas casas das rezadoras. Tive muitos aprendizados e até me surpreendi, especialmente com os métodos medicinais naturais que podem ser aprofundados na comunidade.

Quando comecei a pesquisa, não conhecia algumas plantas medicinais para meninas e mulheres adultas. Vi que meu trabalho foi rico e valorizado pelos conhecimentos e saberes indígenas Kaiowá.

No final, pensei que não conseguiria escrever devido ao pouco tempo para concluir minha pesquisa. Aproveitei as férias para conversar com as *nhãndesy* da minha comunidade. A escrita da minha pesquisa foi crescendo, e escrevi com fotografias, embora tenha encontrado dificuldades ao digitar os trabalhos da dissertação. Graças a Deus, tudo deu certo.

Sei que ainda há muito a terminar, pois a pesquisa precisa ser concluída, especialmente sobre as plantas medicinais *pohã nhãñã*. Buscarei, mais adiante, sobre os tipos de remédios caseiros que meu povo Kaiowá utiliza no *tekoha* de Panambizinho.

Terminei minha dissertação em todo momento livre, escrevendo e organizando para conseguir concluir. Esses conhecimentos mobilizados nos rituais dos povos Kaiowá da terra indígena Panambizinho ressaltam a importância das menarcas na vida das meninas Kaiowá.

Essas transformações de saberes indígenas constituem um conhecimento que circula e está disponível para a vivência. A tradição se agrega ao desafio da escrita, com o olhar indígena e a riqueza de conhecimentos sobre a menarca das meninas, que é uma prática real dentro de seu *tekoha*.

Para as meninas, a primeira menstruação, que ocorre com o sangue, e os cuidados com o corpo são essenciais para evitar problemas de saúde, como dores de cabeça e tontura. As famílias se preparam para esses rituais. Isso ocorre entre as mulheres e meninas Kaiowá de Panambizinho.

Os Kaiowá nunca deixaram de realizar o ritual da menarca, que acontece quando a menina entra no processo de resguardo. A importância do ymaguaré e do passado é manter vivos esses rituais. O resguardo das meninas Kaiowá é parte de um processo que

prepara para a vida adulta e futura, promovendo o bem viver e a saúde mental, além de um envelhecimento tranquilo. Isso ocorre entre os Kaiowá, onde o resguardo da menina se estabelece como um processo de proteção contra coisas ruins, mantendo o equilíbrio entre corpo e alma.

Os conhecimentos tradicionais e os rituais da cultura do povo Kaiowá são importantes para as transformações de vida ameríndias. Ao dialogar e aprender com as anciãs do meu povo, trouxe à pesquisa a história real do povo Kaiowá. Essa cultura é uma prática vivida dentro de seu território e, inspirados nesta pesquisa, reconhecemos a importância de uma cultura viva e sagrada no cotidiano.

Isso teve grande valor e tudo deu certo.

Referências

BRAND, Antonio Jacó. **O confinamento e o seu impacto sobre os Pãi / Kaiowá**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 1993.

_____. **O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra**. 1997. Tese (Doutorado em História) - PUC, Porto Alegre, 1997.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, Território e Territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul**. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Assis-SP, 2013.

CHAMORRO, Graciela. **Terra Madura, yvyaraguyje: fundamento da palavra guarani**. Dourados: Editora UFGD, 2008.

LOPES, Adelia Flores. **O sangue entre as mulheres Guarani e kaiowa em Amambai**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Dourados, MS, 2016..

MACIEL, Nely Aparecida. **História da comunidade Kaiowá da Terra Indígena Panambizinho (1920-2005)**. Dissertação de mestrado em História, PPGH-UFGD, 2005.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios e territorialidades Guarani e Kaiowá: da territorialização precária na Reserva Indígena de Dourados à multiterritorialidade**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFGD, 2011.

_____. **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela Des-colonialização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha - Dourados/MS**. (Tese em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente, 2015.

PEREIRA, Levi Marques. **Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno**. (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, USP, São Paulo, 2004.

_____. **A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS**. 38º Encontro Anual da Anpocs, 2014.

SERAGUZA, Lauriene. **Cosmos e mulheres: de anã a kunhã**. Dissertação de mestrado. Dourados, UFGD, 2013.

SCHADEN, Egon. **Desenhos de índios Kaiowá-Guarani**. Revista de Antropologia. São Paulo, v. 11, n.12, p. 79-82. 1963.

_____. **Aculturação indígena:** ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contato com o mundo dos brancos. São Paulo: Pioneira/ EDUSP, 1965.

_____. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** São Paulo: EDP/EDUSP, 1974. 261p.

VIETTA, Katia. **Histórias sobre terras e xamãs kaiowa:** territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowa de Panambizinho (Dourados/MS), após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, USP, São Paulo, 2007.